

As Vinte e Uma Noites

— Aquela garota me olhou de uma maneira estranha
— eu disse ao meu amigo Marko, que estava comigo no refeitório.

— Estranha?

— Hostil.

— Hostil?

— Pare de repetir o que eu digo.

— Não dá para entender o que você está querendo dizer.

Era muito natural o espanto do meu amigo Marko. Naquela estação onde estávamos fazia cinco anos – desde que saíramos da universidade – as relações entre homens e mulheres eram amistosas e materialmente frias, cordiais e fisicamente distantes. Jamais se ouvira falar de um só homem da estação que tivesse relações sexuais com mulheres de carne e osso. Todos preferíamos as S-20 e S-21, que tinham muito mais graça e beleza e eram 100% acessíveis. O mesmo se aplicava às mulheres em relação a nós. Não havia naturalistas em nossa estação, entre seus cinco mil habitantes. Não era de admirar, portanto, que Marko não tivesse compreendido a menção que eu fizera a sentimentos tão fortes e explosivos.

— Eu tenho a impressão de que já a vi antes — afirmei após um silêncio de poucos minutos.

— Ela chegou ontem.

— Antes disso.

Ela estava sentada alguns metros a minha direita, com mais duas mulheres. Era branca e tinha cabelo preto, longo, e olhos grandes, também negros. Tinha feições delicadas e um sorriso simpático, que, entretanto, me pareceu assustador.

— Você acha que a viu em outro lugar?

— Em outro lugar, em outro tempo...

Ele olhou para mim com um sorriso zombeteiro. Eu prossegui:

— Ela olhou para mim como se quisesse matar-me.

Marko reagiu com uma gargalhada.

— Você está querendo me gozar — disse ele. — Vamos embora.

* * *

Passei a tarde jogando xadrez com Marko e mais dois amigos. Em seguida tomamos banho, jantamos num dos refeitórios, passeamos em um dos parques da estação, assistimos um pouco à televisão da Terra e visitamos um dos grupos de S-21. Depois fui para o meu apartamento, dormir.

Tive uma noite agitada, dominada por dois pesadelos que se revezavam. Sonhei que assassinava a garota; depois, que ela me matava; e assim por diante, a noite inteira.



Acordava assustado, adormecia de novo e sonhava novamente. Jamais tivera uma noite tão ruim, na estação, na Terra ou em qualquer lugar.

Nos dias seguintes, porém, as coisas voltaram ao normal. Não vi mais a moça, fui deixando de me impressionar com os pesadelos e pude retomar plenamente a rotina tranqüila e colorida da M-9, a nona estação da Terra em Marte: trabalho três dias por semana (seis horas por dia), jogos e festas, conversas, passeios, planejamento de férias na Terra, visitas às S-20 e S-21 e noticiários sobre os preparativos para a guerra, em que naves não tripuladas dariam seu grande espetáculo ao redor dos céus de Saturno.

É uma pena que aquela volta à normalidade não tenha durado muito. Dois dias depois de ter visto a garota de longe (e não ter dado importância ao fato), voltei a ter pesadelos. Ao acordar, eu não me lembrava do que tinha sonhado; apenas sabia que tivera um pesadelo.

As sensações de estranheza e de medo não eram, contudo, a única herança dos novos pesadelos. Não eram sequer o legado principal. Havia outra coisa, muito mais concreta e ao mesmo tempo mais difícil de decifrar: os poemas.

* * *

Os poemas falavam de coisas que não pareciam ter muito a ver com a vida nas estações ou mesmo com a vida na Terra naquele ano de 2211. Havia pessoas que escreviam, compunham, pintavam etc. inspiradas no passado. Mas eu jamais fizera nada disso; nunca escrevera uma linha de poesia – ou de algo semelhante – inspirado no passado, no presente ou no futuro.

Durante vinte e um dias acordei todas as manhãs com a certeza de ter passado por um pesadelo, do qual não me lembrava, e com um poema completo na cabeça. Foram vinte e um pesadelos, vinte e um poemas antes do grande desastre. Foi por isso que lhes dei este nome:

AS VINTE E UMA NOITES

1ª NOITE:

No Meio da Multidão

Há um grande silêncio,
nada acontece,
o mundo parou...
se esqueceram de mim?

É provável que sim.
Por que não, afinal?
Por que deveriam se lembrar de você?

Quem é você, para ser notado,
para ser comentado,
para ser visto e tocado?

É apenas mais um, entre tantos,
dono de pobres encantos
que poucos conseguem notar.

Impressionar multidões,
arrebatando corações?
As ilusões se acabam.

Obrigando o sonhador a ficar ao lado dos outros
sentindo na carne o pesadelo real
de ser não mais do que somente mais um.

2ª NOITE:

Olhei pra você e me vi tão longe
quanto um corpo insepulto das misteriosas
e obscuras entranhas da Terra.

3ª NOITE:

A paixão violenta,
cega, obscura
e quase total
não raciocina, somente extravasa o seu simples desejo,
impulsivo e ardente,
e seu claro delírio,
poderoso, aberrante,
como a força das águas
de uma súbita enchente,
pelo ser atraente (e às vezes distante)
da pessoa fatal.

4ª NOITE:

Naqueles momentos
em que tudo parece seguro,
em que nada ameaça o futuro,
em que ninguém o encosta no muro,
pare um pouco –

Em meio à festa deslumbrante,
à alegria luminosa e delirante –

E pense,
ainda que por um instante:

Aquilo que o alegra tanto
pode sumir
como por encanto,
pode partir
para seu espanto,
pode sair da sua vida de maneira tão radical
que parecerá jamais ter existido.

E a tristeza então será, pra você,
um estado nada mais que normal.

5ª NOITE:

Os vivos-mortos que nos fazem sermões
nunca se cansam de procurar uma cura
para os prazeres e festas de um tempo alegre
que para eles não passa
de uma vida infiel e impura.

6ª NOITE:

Ó grande paixão incoerente,
tão insistente quanto misteriosa,
tão ardorosa quanto não assumida
e tão tristemente sentida
como a dor monstruosa de um desejo incoerente:
por que não me deixas em paz?

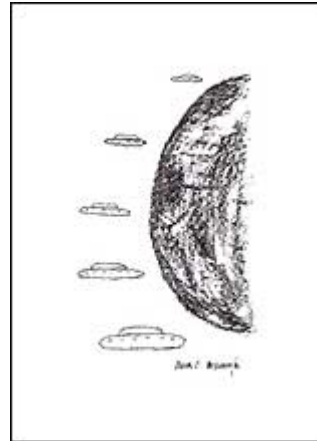
7ª NOITE:

Há milhares de vozes
tentando ser entendidas,
esperanças perdidas
querendo ser encontradas;
vontades inúmeras
buscando ser percebidas e reconhecidas,
e tantas pessoas ansiando que fossem
afinal desejadas.

Agora que vocês conhecem uma boa amostra do resultado dos meus pesadelos (o que falta conhecerão depois), eu posso contar o resto da história.

No dia seguinte à vigésima-primeira noite, estávamos todos em frente aos aparelhos de televisão, assistindo ao começo da 2ª Guerra de Saturno, às belas naves não tripuladas enfrentando-se “bravamente” aos olhos de toda a Terra e de todas as estações. Foi então que aconteceu.

De repente, como se tivessem vindo do nada, surgiram na tela naves desconhecidas, alienígenas. Logo se viu que eram mais poderosas que as nossas. As naves terrestres, que começavam mais uma guerra interna no espaço, foram vencidas rapidamente. Muitas foram destruídas, algumas capturadas, poucas foram lançadas com sucesso de volta à Terra, para reforçar suas defesas contra a invasão iminente (se é que seriam algum reforço). Em poucas horas toda a região em torno de Saturno estava sob o domínio dos desconhecidos, e milhares de pessoas que tripulavam as bases e estações envolvidas na guerra tinham sido capturadas.



O pânico foi geral. Das estações ainda não tomadas saíram milhares de naves superlotadas em direção à Terra, numa fuga desesperada. Muitas foram interceptadas e capturadas, algumas conseguiram passar. Mas não havia naves em quantidade suficiente para levar todos de uma só vez, e não haveria uma segunda chance. A grande maioria ficou. Eu fiquei. Meus amigos ficaram. A mulher dos meus pesadelos também ficou, com o sorriso simpático que tinha para mim (e para mais ninguém) um quê de sinistro. Naquele momento, porém, ela estava fora dos meus pensamentos, ocupados com os novos pesadelos – e seus resultados – e sobretudo com a perigosa e excitante “visita” dos desconhecidos.

O grande contato – longamente esperado – finalmente estava acontecendo. Mas de uma maneira dramática, desagradável, assustadora. Possivelmente trágica. Nossa velha estação estava à mercê dos invasores e só nos restava aguardar sua chegada, numa espera em que o medo era tão grande quanto a curiosidade.

* * *

No começo não aconteceu nada. Os extraterrestres nunca se mostravam sem luvas e capacetes que serviam como máscaras e nunca falavam em nossa frente. Todas as ordens eram dadas por escrito ou por meio de computadores e robôs, na língua que todos falavam na estação, o Esperanto. Não podíamos enviar nenhuma mensagem para a Terra, mas tínhamos acesso total a sons e imagens de rádio e TV, como sempre acontecera. Acompanhávamos com ansiedade os acontecimentos no planeta.

As coisas por lá não andavam boas. Não houvera a temida invasão ou sequer uma tentativa. A ameaça, no entanto, permanecia, mais e mais exasperante. E a perda das estações fora um golpe duríssimo para toda a economia terrestre. Além disso, somas imensas estavam sendo gastas no reforço das defesas. O padrão de vida caiu drasticamente e um clima de pessimismo e depressão se abateu sobre o planeta sitiado. Depois de tantos anos de tranquilidade, de guerras espaciais “inofensivas” disputadas entre forças endógenas, a nossa velha Terra se tornou um planeta encurralado.

Os habitantes da fortaleza acuada não tinham a mínima idéia do que acontecera conosco. Alguns pensavam que fôramos deportados para o planeta dos invasores ou para algum outro lugar distante. Lembravam-se dos africanos escravizados e deportados para as Américas, dos judeus massacrados por nazistas, dos armênios assassinados em massa por ordem do governo turco. Faziam todo tipo

de comparação com histórias horríveis que, até a chegada dos alienígenas, pareciam coisas do passado distante.

Ninguém conseguia imaginar que a vida nas estações não mudara muito. Havia, é verdade, uma sensação generalizada de derrota, de perda, pois a separação entre as estações e o planeta fora um choque para todos nós. Havia também um clima de apreensão, de incerteza. Mas as horas de trabalho não foram aumentadas, as condições não pioraram, os salários não tinham sido reduzidos, não foram proibidas as viagens de uma estação para as outras e, com exceção do bloqueio total das comunicações para o planeta, não fora imposta nenhuma forma de censura.

Ao contrário do que supunha a imaginação excitada das pessoas na Terra, o jugo dos desconhecidos se mostrara bem moderado, até mesmo benigno, sem nenhum sinal do terror que marcara os impérios que a Terra conheceu. Talvez eles estivessem tão seguros do seu domínio que podiam deixar a vida correr nas estações. E assim o tempo foi passando.

* * *

Já fazia oito meses que estávamos sob o domínio alienígena e avançara muito o processo de adaptação à nova ordem. Conhecendo a situação lastimável da Terra, não invejávamos nem um pouco os terrestres e até nos divertíamos com suas especulações mirabolantes sobre o nosso destino. No começo víamos a Terra como um santuário, que precisava ser preservado a todo custo para depois nos libertar. Agora, já começávamos a torcer discretamente, de uma maneira meio envergonhada, para que a invasão acontecesse logo, de uma vez por todas. Somente assim poderíamos retomar os contatos com o planeta, visitá-lo novamente, receber novos funcionários e, sobretudo, receber novos S-20 e S-21.

— Se a Terra fosse invadida de uma vez por todas, — disse o meu amigo Marko — talvez fosse melhor pra eles. Não teriam de gastar todo aquele dinheiro com armas e naves militares.

— É — concordei. — Talvez fosse mesmo.

Era assim que estavam as coisas na estação oito meses depois da grande surpresa. A tragédia se transformara numa rotina tranqüila, os pesadelos não se haviam confirmado. Foi então que os invasores resolveram mostrar sua verdadeira face, ao decretar a enorme mudança.

* * *

8ª NOITE:

A nova trilha sonora
de um velho filme terrível
nos garante que é hora
de retornar o perigo,
pois ao fazer a História
(que se sabia temível)
o chefe coberto de glória
vai nos trazer o castigo

ao dizer-nos que agora
muitas coisas vão embora...
perderemos o abrigo.

* * *

A notícia correu como um raio por todas as estações: o Comandante-Geral das forças alienígenas, que dominavam quase todo o Sistema Solar, falaria para todos nós dentro de poucas horas, por transmissão ao vivo de imagem e som.

A curiosidade sobre o que ele diria era muito grande. Era menor, todavia, do que a expectativa de que ele finalmente, como representante de todos eles, aparecesse sem a máscara, revelasse as feições de sua espécie. Até mesmo o som de sua voz era aguardado com ansiedade.

* * *

9ª NOITE:

Há palavras que são limites,
barreiras insuportáveis;
imagens que nos comprimem,
nos lançam embaixo da terra,
sepultam-nos ainda vivos...
palavras intolerantes,
limites intoleráveis.

* * *

— O que será que ele vai dizer? — perguntou Marko, entrando no coro da especulação geral.

— Nada importante — arriscou Toshiro. — Eu acho que ele vai somente se apresentar.

— Apresentar-se pra quê?

— Para os outros todos poderem aparecer pessoalmente sem causar nenhum problema.

— Que problema?

— Sei lá, talvez um susto muito grande da nossa parte.

Até então eu ouvira calado – preocupado e pensativo. Resolvi intervir:

— Ele vai fazer um comunicado importante, nós vamos perder alguma coisa.

— Perder o quê? — preocupou-se Toshiro.

Marko se assustou:

— Vamos perder a televisão da Terra? O direito de viajar para as outras estações? Vamos ter que trabalhar mais, ganhar menos?

A apreensão de Toshiro foi ainda mais longe:

— Será que vão fazer conosco alguma daquelas coisas horríveis que eles pensam na Terra?

— Eu não sei — respondi carrancudo. — Mas a minha sensação não é boa.

Desta vez, Marko não fez nenhuma zombaria. Estava assustado demais para isso.

Os dois foram embora calados, deixando-me só e taciturno, às voltas com a lembrança cada vez mais forte do enigma que me deixaram meus bizarros pesadelos.

* * *

10ª NOITE:

Ao mar todos os peixes
que já pudemos pescar.
O barco irá noutros rumos
e a fome vai relançar
as paixões que já tivemos –
renegamos, esquecemos –
e vão agora voltar,
depois que a nós nos disserem
(nos mandarem, se quiserem):
todos os peixes ao mar!

* * *

Faltavam cinco minutos para começar o comunicado. Enquanto a minha espera entrava na reta final, lembrei-me (sem saber por quê) da moça de cabelos negros, pele muito branca e expressão inteligente. Ela também devia estar com medo; todos nós estávamos.

Lembrei-me também da **décima-primeira noite**:

Ao passar por esta vida
desejei ter outra vida,
e não aquela que me deram.
Ou que eu mesmo construí,
ou simplesmente ganhei
ou simplesmente perdi,
eu francamente não sei
(não ouvi, não escutei)
se falhei ou se venci,
se matei ou se morri...
pois que nunca me disseram.

* * *

Na hora marcada uma voz anunciou, num Esperanto excelente, que o Comandante-Geral falaria. Era mansa, meio áspera; poderia ser uma voz humana pouco típica. Mas era mais provável que fosse alienígena.

E então apareceu o Comandante... Sem máscara!

* * *

Tomamos um susto, pois o Comandante era muito feio para os padrões humanos. Era uma figura estranhíssima: rosto acentuadamente triangular, com cabeça grande e queixo pontiagudo; orelhas, nariz e boca muito pequenos, lábios finíssimos; pele cadavericamente pálida, nenhum pêlo na cabeça ou no rosto; olhos redondos como os de um animal, completamente negros, escandalosamente grandes.

Sua expressão era estática, sua face parecia rígida. A feiúra, a estranheza e a rigidez, somadas ao poder que ele representava e às más notícias que poderia trazer, davam-lhe um ar inevitavelmente sinistro.

Para mim, entretanto, o pavor causado pela figura do Comandante foi muito maior do que para todos os outros. Por um motivo bem simples: eu já vira aquele rosto, já o vira várias vezes; e somente agora me lembrava de tê-lo visto.

* * *

Eu agora tinha plena lembrança dos pesadelos, de tudo que acontecera nas vinte e uma noites.

Não acontecera muito. Em cada sonho eu estava sentado em frente à tela, exatamente como ocorria naquele momento; e aparecia o Comandante-Geral, como estava acontecendo outra vez. Só faltava o Comandante recitar um poema, desta vez para milhões de espectadores perplexos.

Sim, só faltava ele recitar um poema. Pois nos sonhos era ele quem me dizia os versos, um por noite, o mesmo a noite inteira.

Ao lembrar-me das Vinte e Uma Noites e de seu personagem central, até então oculto no esquecimento, senti um medo ainda maior. E muito mais curiosidade. E uma inquietante sensação de intimidade com o Comandante-Geral.

* * *